

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DO RIO GRANDE DO NORTE - IFRN *CAMPUS* IPANGUAÇU

SILVANA MARIA SOARES

**ETNOBOTÂNICA E PLANTAS MEDICINAIS: FOCO NO TRABALHO DAS  
MULHERES**

IPANGUAÇU

2023

SILVANA MARIA SOARES

**ETNOBOTÂNICA E PLANTAS MEDICINAIS: FOCO NO TRABALHO DAS  
MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Graduanda.

Orientadora: Prof. Dra. Natália Máximo e Melo

IPANGUAÇU

2023

S676e Soares, Silvana Maria.

Etnobotânica e plantas medicinais: foco no trabalho das mulheres/ Silvana Maria Soares. – Ipanguaçu, 2023.  
33 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Tecnologia em Agroecologia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Ipanguaçu, 2023.

Orientadora: Prof. Dra. Natália Máximo e Melo.

1. Etnobotânica. 2. Plantas Medicinais. 3. Agroecologia.  
I. Melo, Natália Máximo. II. Título.

CDU: 502.1+633.88(813.2)

SILVANA MARIA SOARES

**ETNOBOTÂNICA E PLANTAS MEDICINAIS: FOCO NO TRABALHO DAS  
MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Graduada.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, pela seguinte Banca Examinadora:

**BANCA EXAMINADORA**

Natália Máximo e Melo, Dra. - Presidente

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Sandra Maria Campos Alves, Dra. - Examinadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Sara Lira Silva da Costa Araújo, M.e - Examinadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus pelas oportunidades, força de vontade e coragem para superar todos os desafios.

À minha família, aos meus pais Maria de Lurdes da Fonseca e Vicente Benedito Soares (in memória), ao meu esposo Adelmo, aos meus filhos Cássia e Leonardo, por todo apoio, compreensão e aprendizado.

À minha orientadora profa. Natália Melo pela orientação, confiança, paciência e ensinamentos, também por toda ajuda dada para a realização deste trabalho.

À todos (AS) os docentes do curso de Tecnologia em Agroecologia do IFRN *Campus* Ipanguaçu por todos os ensinamentos a mim repassados, aos meus colegas de curso por toda contribuição e parceria dada no decorrer do curso.

## RESUMO

Segundamente a pesquisa “Etnobotânica e Plantas Medicinais: foco no trabalho das Mulheres”, busca a relação sociedade e natureza através da agroecologia. Este estudo toma como base estudos sobre etnobotânica e plantas medicinais, bem como agroecológicos, como é o caso dos trabalhos de Barrera-Bassols, Leff, Santos, entre outros estudiosos. Assim, busca-se como objetivo geral: Discutir o papel e cultivo das plantas medicinais no contexto dos estudos agroecológicos. E como objetivos específicos: Investigar de que forma as mulheres e alunos do IFRN fazem uso das plantas medicinais para o tratamento de algumas doenças. A metodologia utilizada foi a qualitativa-exploratória, para isso elaborou-se e aplicou-se um questionário via *Google forms* sobre o uso e cultivo de plantas medicinais contendo 15 questões, o questionário foi aplicado com estudantes dos diversos cursos do IFRN Campus Ipanguaçu e com mulheres residentes do entorno do mesmo; para a análise dos dados fez-se o uso da estatística descritiva. Portanto, com base nas respostas obtidas, podemos concluir que as ervas medicinais são parte importante de nossa cultura, mas vai muito além disso, ela reforça, também, laços familiares e demonstra a importância da preservação e valorização desses hábitos populares.

**Palavras-chave:** Etnobotânica. Agroecologia. Plantas Medicinais. Ipanguaçu. Saberes.

## **ABSTRACT**

Secondly, the research “Ethnobotany and Medicinal Plants: focus on the work of Women”, seeks the relationship between society and nature through agroecology. This study is based on studies on ethnobotany and medicinal plants, as well as agroecology, as is the case with the works of Barrera-Bassols, Leff, Santos, among other scholars. Thus, the general objective is to: Discuss the role and cultivation of medicinal plants in the context of agroecological studies. And as specific objectives: Investigate how women and students at IFRN use medicinal plants to treat some diseases. The methodology used was qualitative-exploratory, for this purpose a questionnaire was prepared and applied via Google forms on the use and cultivation of medicinal plants containing 15 questions, the questionnaire was applied to students from the various courses at IFRN Campus Ipanguaçu and with women living nearby; for data analysis, descriptive statistics were used. Therefore, based on the answers obtained, we can conclude that medicinal herbs are an important part of our culture, but it goes far beyond that, it also reinforces family ties and demonstrates the importance of preserving and valuing these popular habits.

**Keywords:** Ethnobotany. Agroecology. Medicinal plants. Ipanguaçu. Knowledge.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>9</b>
2.1. OBJETIVO GERAL.....	9
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	9
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
3.1. DO CONHECIMENTO POPULAR À AGROECOLOGIA: PLANTAS MEDICINAIS .....	10
3.2. A MULHER E O CULTIVO E USO DAS PLANTAS MEDICINAIS .....	15
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
4.1. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	17
4.2. MÉTODO DA PESQUISA .....	17
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>19</b>
5.1. ANÁLISE DE DADOS: GRUPO DIVERSO .....	19
5.2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM MULHERES .....	24
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA ETNOBOTÂNICA COM PLANTAS MEDICINAIS GRUPO DIVERSO .....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA ETNOBOTÂNICA COM PLANTAS MEDICINAIS TENDO EM FOCO AS MULHERES .....</b>	<b>33</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a relação entre o ser humano e a natureza foi se modificando e, de certa forma, teve-se um distanciamento através das transformações sociais ocorridas durante os períodos em que marcam a revolução industrial e tecnológica, e o avanço de centros urbanos que sustentam uma lógica de consumo rival com a natureza. Neste sentido, surge a necessidade de reencontrar o equilíbrio, a partir da relação intrínseca entre sociedade-natureza.

Para isso, por meio da agroecologia que propõe incorporar os conhecimentos populares à prática da agricultura, é possível traçar uma estratégia de análise, em que visa contornar as práticas atuais do consumo inconsciente, além da produção exploratória que visam apenas o lucro, que Leff (2002, p. 36) define como “uma constelação de ciências, técnicas e práticas para uma produção ecologicamente sustentável, no campo”.

Dessa forma, adotando esta visão agroecológica acerca dos saberes populares, esta pesquisa volta-se a olhar para a tradição do uso de plantas medicinais, especificamente a relação entre mulheres e as ervas que são passadas de geração a geração. Assim, buscamos compreender de que maneira o consumo e cultivo dessas plantas influenciam o cotidiano atual, para isto, selecionamos um grupo diverso de participantes para que pudéssemos investigá-la.

Sendo assim, este estudo toma como base e inspiração estudos sobre etnobotânica e plantas medicinais, bem como agroecológicos, como é o caso dos trabalhos de Barrera-Bassols, Leff, Santos, entre outros estudiosos.

Dessa forma, a pesquisa toma como parte de seu campo exploratório discentes de diversos cursos do IFRN *Campus* Ipanguaçu, assim como mulheres residentes dos arredores do campus para que contribuíssem na análise e estudo. Para isso, foram realizados questionários e entrevistas com os participantes de maneira virtual e presencial. Buscamos investigar a origem e significado por trás da tradição de uso de plantas medicinais.

Tomando como motivação a curiosidade em aprofundar os conhecimentos sobre etnobotânica e agroecologia, investigando o que envolve o uso e consumo de plantas medicinais e tradições passadas de geração a geração, motivadas por um interesse pessoal.

Estudos que visam compreender o conhecimento popular e suas contribuições para a sociedade e a agroecologia são importantes para a preservação e ampliação do papel da comunidade dentro da academia, pois estes buscam compreender as aplicações desses saberes e suas ligações com a cultura e raízes locais. Sendo assim, o pesquisador coloca a sociedade em evidência, dando voz e valorizando, também, esses saberes, criando-se um elo entre conhecimento empírico e acadêmico.

Este trabalho faz-se importante academicamente por se tratar de um estudo que visa contribuir para atuais e futuras discussões acerca dos saberes populares e sua conexão com as práticas agroecológicas. Assim, visa-se abrir margens a discussões pautadas na colaboração entre comunidades ao redor do *Campus* e a acadêmica. Portanto, a pesquisa é voltada aos estudiosos da área agroecológica e ciências humanas, especificamente aqueles interessados em plantas medicinais.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVO GERAL**

Discutir o papel e cultivo das plantas medicinais no contexto dos estudos agroecológicos.

### **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender de que maneira o consumo e cultivo dessas plantas fazem parte do cotidiano da população estudante do IFRN;
- Compreender como as mulheres valorizam o uso das plantas medicinais em suas vidas;
- Divulgar os resultados em revistas acadêmicas da área e para a comunidade em eventos científicos.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está composto pelo referencial teórico que compõe nosso trabalho. Através de um apanhado histórico sobre o uso de plantas medicinais no decorrer dos anos, bem como os conceitos de agroecologia e suas questões atuais. Este estudo discute as práticas populares de cultivo e uso de plantas medicinais no cotidiano atual.

Para levantarmos essas pautas, utilizamos como base pesquisas relacionadas a área de nosso estudo. Na seção 3.1, tratamos da etnobotânica acerca do uso dessas plantas, bem como sobre o conhecimento popular em relação a essas plantas, sob luz de teóricos como Toledo e Barrera-Bassols em seu estudo intitulado *Memória Biocultural* (2015), na tese de Freitas (2013) sobre O espaço doméstico dos quintais e a conservação de plantas medicinais na comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN. O referencial levantado neste capítulo será base para as discussões e análises dos dados colhidos na pesquisa.

#### 3.1. DO CONHECIMENTO POPULAR À AGROECOLOGIA: PLANTAS MEDICINAIS

Conhecimentos propagados de geração para geração sempre foram recorrentes desde o início dos tempos (SANTOS, 2004). Segundo Schultes e Reis<sup>1</sup> (1995), “especula-se que a origem da etnobotânica é coincidente com o surgimento da própria espécie humana, ou melhor, com o início dos primeiros contatos entre esta espécie e o Reino Vegetal” (1995 *apud* Oliveira *et al.*, 2009). Desta forma, já se tornou parte da definição do ser humano.

No decorrer do tempo, alguns desses conhecimentos caíram em desuso ou foram modificados para se ajustarem às necessidades da população de época, bem como avanços tecnológicos ou medicinais, uma vez que “o indivíduo não só reproduz por meio da memória, mas também a reinterpreta, reconta. Metodologicamente, a memória nos traz possibilidade de conectar a experiência e histórias do indivíduo ao contexto e aos conhecimentos do coletivo” (MELO *et al.*, 2021, p. 316).

Entretanto, a conexão entre os humanos e a natureza está presente e mostra-se forte nas culturas locais; por exemplo, é comum a indicação popular para “tomar um chazinho” quando há alguma enfermidade amena, especialmente dentre os mais velhos. Essa relação entre ser humano e natureza é estudada pela Etnobiologia, a qual é definida por Posey como:

---

<sup>1</sup>Schultes, R.E. & Reis, S.V. (eds.). 1995. *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Cambridge, Timber Press.

[...] o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem de determinados ambientes. Neste sentido, a Etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. (POSEY, 1987, p. 15)

Sendo assim, a mesma definição dada por Posey para a Etnobiologia pode ser aplicada à etnobotânica como é destacado por Alcorn<sup>2</sup> (1995 *apud* ROCHA; BOSCOLO; FERNANDES, 2015) em seu estudo sobre etnobotânica. Para ele, é possível dialogar tal proposta sobre uma esta análise sob o modo como os recursos naturais são utilizados pelos humanos (ALCORN, 1995 *apud* ROCHA; BOSCOLO; FERNANDES, 2015).

Ademais, esse conhecimento popular traz um equilíbrio entre sociedade e natureza, oportunizando a todas as esferas sociais uma equidade de oportunidades, uma vez que não se considera somente o que é ciência (SANTOS, 2004).

E em meio a essa ligação entre natureza e ser humano surge a agroecologia, decorrente da preocupação e necessidade de novas práticas agrícolas, com o olhar voltado tanto para produtor quanto para formas ecologicamente mais responsáveis de plantio. Outrossim, a necessidade de um novo olhar se dá após a modernização da agricultura comercial e aumento exacerbado da produção agrícola, que gerou e ainda gera consequências negativas para o ambiente (PETERSEN, 2015).

Nesse contexto, a agroecologia busca olhar a natureza a fim de entender as tradições atreladas à prática, bem como mantê-las e/ou resgatá-las, já que estas são fundamentais para a área e sociedade. Segundo Enrique Leff (2002, p. 36) “a Agroecologia foi definida como um novo paradigma produtivo, como uma constelação de ciências, técnicas e práticas para uma produção ecologicamente sustentável, no campo”, assim mostrou-se essencial para a reavaliação de conceitos sobre o cultivo. Ainda segundo o autor, é a junção da ciência e do conhecimento popular, tornando o agricultor também centro da ciência, pois o conhecimento empírico é fundamental, também, para o científico.

Dessa forma, ela trouxe novos olhares sobre uma prática (o plantio) que se tornava cada vez mais voltada ao lucro, pouco se valorizava a terra e a história que esta carrega. Sobre isso, Petersen diz que:

A noção de *arte da localidade*, que bem descrevia a Agronomia clássica, perde sentido com a emergência da racionalidade tecnocrática e generalista. Desde então, parâmetros técnicos e econômicos prescritos pelas modernas ciências agrárias passaram a determinar as rotinas de trabalho na agricultura pela via dos mercados. Um verdadeiro memoricídio cultural se processou em decorrência dessa ruptura

---

<sup>2</sup>ALCORN, Jane B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Ed.). **Ethnobotany**: evolution of a discipline. Cambridge: Timber Press, 1995.

histórica que tornou irrelevante a produção local de conhecimentos, bem como a sua transmissão entre as gerações de agricultores (PETERSEN, 2015, p. 11-12, grifos do autor)

Dessa forma, a agricultura moderna dificultou a manutenção das raízes e das tradições, uma vez que ela se escora em preceitos baseados no alto consumo e produtividade em grande escala. Com isso, essa visão mais capitalizada sobre a natureza gera um distanciamento das origens, pois as novas gerações terão poucas oportunidades de enxergá-la da mesma forma que seus antepassados - se comparadas às gerações passadas.

Segundo Altieri (1987), a agroecologia é uma ciência ainda em construção que estuda os agroecossistemas seguindo princípios e metodologias para a melhor análise e avaliação destes. Ela é a terra em sua mais pura forma, é o respeito com todos que antes dela vieram, pois ao preservá-la há também a preservação da memória, do que ela significou (e ainda significa) àqueles que dela tiveram seu sustento e alimento. Muito além de uma agricultura ecológica, ela é uma oportunidade de equidade (LEFF, 2002).

Assim, a prática de cultivo e consumo consciente vem sendo cada vez mais pesquisada por se tratar de dados importantes para o mapeamento de espécies e seu uso, algumas vezes configurando saberes milenares. Dessa forma, a coleta ajuda a compreender uma determinada localidade de um país baseado em suas tradições (OLIVEIRA *et al.*, 2009; PAIVA, 2013).

No contexto nacional, o Brasil apresenta diversidade geográfica, botânica e cultural em todo o seu território. Assim, uma região pode representar uma imensidão de conhecimentos e culturas diferentes entre si, por exemplo, todo o país é falante de português, mas este apresenta características diferentes dependendo do lugar. Com as plantas não é diferente, pois “algumas dessas regiões possuem plantas medicinais indicadas popularmente, das quais ainda não foram realizados estudo químico, farmacológico ou toxicológico” (ALMEIDA, 2011, p. 43).

Sobre isso, Toledo e Barrera-Bassols (2015) pontuam que:

Atualmente, é possível identificar no planeta dois tipos principais de diversidade, a biológica e a cultural [...] A diversidade cultural inclui, por sua vez, três modalidades de heterogeneidade: a genética, a linguística e a cognitiva [...]; enquanto que a biológica é frequentemente expressa em quatro níveis: das paisagens (naturais), dos habitats, das espécies e dos genomas (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 29)

Dessa forma, voltando-nos a compreender a relação entre natureza e ser humano, nos deparamos com as plantas medicinais que há muito acompanham os humanos durante a evolução e que ainda desempenham forte influência e presença na atualidade. Estas já fazem parte inerente do conhecimento empírico, pois suas origens vão muito além no tempo.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), são consideradas: “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos”. São considerados medicamentos fitoterápicos “os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, documentações tecnocientíficas ou evidências clínicas” (ANVISA, 2010).

Dessa forma, a medicina que conhecemos hoje deve-se às pesquisas realizadas com as plantas medicinais, uma vez que foram essenciais para o desenvolvimento da farmacologia. Assim, de acordo com Almeida (2011) como o homem primitivo dependia da natureza para sobreviver e assim para curar-se fez uso das plantas medicinais tentando suprir suas necessidades a partir das eventualidades, dos testes e vivências. A prática milenar do empirismo tornou-se berço para avanços no tratamento de enfermidades.

A origem do conhecimento do homem sobre as virtudes das plantas confunde-se com sua própria história. Certamente surgiu, à medida que tentava suprir suas necessidades básicas, através das casualidades, tentativas e observações, conjunto de fatores que constituem o empirismo. O homem primitivo dependia fundamentalmente da natureza para a sua sobrevivência e utilizou-se principalmente das plantas medicinais para curar-se

No Brasil, as raízes advindas dessa prática têm forte conexão e influências africana e dos nativos. Houve, então, uma troca entre espécies africanas e brasileiras, ocasionando em um enriquecimento mútuo; algumas das que foram importadas: mamona, dendê, quiabo, inhames, tamarineiro e jaqueira. Os nativos trouxeram diversas contribuições à medicina, a exemplo, até hoje os curares (venenos usados em flechas) são utilizados como anestesia local ou antes da anestesia geral. Dessa forma, a cultura brasileira traz consigo diversas ligações antepassadas, formando um laço que perdura até a atualidade, mesmo que não seja muito valorizada (ALMEIDA, 2011).

Outrossim, uma região pode ser mais propícia para plantação de determinada espécie, assim como a maneira que ela será utilizada pode diferir entre usuários de estados diferentes, até mesmo o que é considerado medicamento ou não.

No Nordeste - foco da pesquisa - não é diferente. Devido ao clima que varia, a região apresenta variação de solos, cada um apresentando morfologias, fertilidade e capacidade de retenção de líquidos diferentes entre si (MARQUES *et al.*, 2014).

No contexto do Rio Grande do Norte, “a flora da região seridoense está adaptada ao seu recorte geográfico: clima quente e seco, solos rasos e pedregosos e longo período sem chuva” (ROQUE, ROCHA E LOIOLA, 2010, p. 34). Dessa forma, as características da região

impossibilita que haja disponibilidade de colheita e uso de espécies nativas de plantas medicinais o ano todo. Ainda segundo os autores, as espécies nativas da caatinga são das famílias Fabaceae (13 spp.), Euphorbiaceae (6 spp.), Cactácea (3 spp.) e Lamiaceae (3 spp.), entre outras (ROQUE, ROCHA E LOIOLA, 2010).

Portanto, as plantas medicinais são parte importante das raízes de diversas culturas, tornando-as uma extensão da comunidade, dando a elas (plantas) novos significados. O que se cultiva e o que se usa também é parte da identidade de uma localidade, assim como outras formas de caracterização de um povo.

Entretanto, mesmo havendo essa ideia, dados apontam que também há consumo em grandes centros urbanos. A imensidão do território mostra que não há público específico para o consumo, mesmo porque é uma cultura que ultrapassa gerações (MERA *et al.*, 2018).

Ademais, a importância dessa área diz respeito a preservação de costumes tornando estudos como estes essenciais para fomentar o interesse nesse tipo de cultivo. Bem como compreender o melhor uso dessas substâncias, suas recomendações e contraindicações, como apontam Neto, Ramos e Oliveira (2019) em sua pesquisa.

E é com essa nova forma de pensar que as atividades de comunidades se tornam extremamente importantes para uma agricultura mais sustentável, pois protege os recursos naturais e torna essa troca entre humano e natureza mais consciente (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014).

Outrossim, o tópico é amplo e importante para manter viva a cultura das plantas, uma vez que é uma prática passada de pessoa para pessoa, então se faz importante

conhecer os elementos, que já existem nesse espaço ou desenvolver atividades, que propiciem reflexões sobre o histórico, os conceitos, os princípios das práticas de cultivo, bem como a importância das espécies que estão ou podem estar presentes, nesse ambiente, possibilitam um universo de percepções na construção do saber (MARIA *et al.*, 2017, p. 383)

Portanto, colocar em evidência a importância cultural das plantas medicinais, não obstante, também reforçar o saber que está atrelado a essa ação, é extremamente necessário também na academia. O conhecimento etnobotânico adquirido durante a vida do ser humano é passado através de gerações e reflete na sua relação com o meio ambiente, por isso a agroecologia é fundamental, pois torna os estudos sobre essa área essenciais para o entendimento de toda uma sociedade.



### 3.2. A MULHER E O CULTIVO E USO DAS PLANTAS MEDICINAIS

Partindo da conexão entre natureza e humano, passando por todo o contexto etnobotânico, chegamos na relação entre a mulher e as plantas. A construção histórica aponta a mulher como responsável pela educação e os cuidados com as pessoas da família, papel este que se estende ao cuidado à saúde de seus filhos e familiares. É sabido que a mulher está presente na agricultura desde sempre, sua contribuição para a área é imensa e está diretamente ligada às tradições repassadas durante décadas (AZEVEDO; CARVALHO, 2021).

No contexto das plantas medicinais, uma das atividades historicamente relacionadas à figura da mulher é o plantio e preparação de remédios para cura de enfermidades - prática que vem de muito antes do que conhecemos por modernidade e ainda é passada de geração para geração (SANTOS, 2004). Os saberes adquiridos pelas pessoas, especialmente as mulheres, e passados para as seguintes gerações, são extremamente importantes culturalmente. Entretanto, devido aos avanços do agronegócio, como mencionam Barrera-Bassols e Toledo (2015), esse conhecimento tem sido esquecido devido ao afastamento entre a agricultura e a natureza.

Assim, devido ao teor fitoterápico que é dado às plantas medicinais, o papel de cuidadora acaba a ser atrelado à mulher, pois:

as ‘plantas medicinais’ são consideradas ponto de partida e um tema agregador na medida em que fazem parte de um reconhecido (ou construído) universo feminino, no qual, conhecer as plantas e saber usá-las é motivo de orgulho e de auto valoração, ou seja, é um fator que contribui, sobremaneira, para o crescimento da autoestima (MARQUES *et al.*, 2015, p. 161)

Dessa forma, a construção social desse papel, embora problematizada por diversos autores, a exemplo de Marques (2015), também pode ser vista como algo positivo. Em pesquisa desenvolvida por Azevedo e Carvalho (2021), as mulheres participantes apontam que “além dos fatores ligados a gostar de planta e o fato de serem utilizadas em processos de saúde, também foi enfatizado o cuidado com a vida, o ambiente e o corpo, além de citarem o novo hábito de consumir chá com frequência” (AZEVEDO; CARVALHO, 2021, p. 533). Assim, é possível inferir que as plantas medicinais estão ligadas em mais de um campo da vida das mulheres, sendo algo que está presente em todos os momentos de suas vidas.

Outrossim, como motivo de orgulho por se tratar de uma afeição ser algo cultural, até mesmo sentimental, essa conexão, por vezes entre mulheres (mãe e filha; filha e avó), torna o ato de cultivo muito mais significativo e afetivo, abrindo portas ao aprendizado porque “não há conhecimento sem sentimento” (THUMS, 1999, p. 12). E além de laços, essa cultura também

permite a geração de renda que, conseqüentemente, geram mudanças significativas na vida da mulher, de sua família e também à base agrícola (MARQUES *et al.*, 2015).

Por estarem atrelados a figuras, geralmente a avó ou a mãe, o uso de plantas medicinais tende a retornar à medida que a mulher amadurece, tornando-a em um hábito. Isso permite que os conhecimentos sejam perpetuados pelas próximas gerações, e, assim, formando um ciclo. Segundo Barrera-Bassols e Toledo (2015), “essa habilidade se deve à manutenção de uma memória individual e coletiva, que conseguiu se estender pelas diferentes configurações societárias que formaram a espécie humana” (BARRERA-BASSOLS; TOLEDO, 2015, p.28).

Ao passar uma receita de chá ou ao indicar determinada erva para um familiar a mulher conta história, uma vez que essas práticas carregam em si a vivência de gerações passadas. Dessa forma, compreender o significado por trás das experiências compartilhadas oralmente faz parte do entendimento da sociedade, da individualidade e também do coletivo - ou *escrevivência*, como chama Conceição Evaristo.

Portanto, é um estudo antropológico por meio da fala, da existência, das peculiaridades e particularidades de um povo, que deve ser cada vez mais explorado academicamente para que a memória permaneça viva. Dessa forma, este trabalho se propõe a explorar os saberes medicinais atrelados às mulheres e como essa relação com a natureza se perpetua nos dias de hoje.

## 4. METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter qualitativo, tendo como objetivo captar conhecimentos populares sobre plantas medicinais e consumo de plantas medicinais especificamente entre mulheres. Para alcançar o primeiro objetivo foi elaborado e aplicado um questionário de perguntas fechadas. Já para o segundo objetivo foram entrevistadas mulheres que fazem uso de plantas medicinais em seu cotidiano.

Este capítulo trata de aspectos metodológicos utilizados na aquisição dos dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa, bem como os sujeitos envolvidos, instrumentos utilizados e as práticas detalhadas de cada etapa do processo.

### 4.1. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Visando compreender o cultivo e consumo de plantas medicinais, conhecer e explorar a sabedoria popular no que diz respeito a essas práticas, elaboramos um questionário via *Google Forms* sobre o cultivo e uso de plantas medicinais no cotidiano composto por quinze questões. Como instituição participante, escolhemos o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, *Campus* Ipanguaçu, e teve como público-alvo os alunos de diversos cursos ofertados pelo campus. Também realizou-se entrevista com cinco (05) mulheres de faixa etária diversa residentes no entorno do *Campus*.

### 4.2. MÉTODO DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa e análise de dados, apoiamo-nos nas abordagens qualitativa-bibliográfica e exploratória, dada sua natureza investigadora do contexto. Sobre isso, Minayo (2002, p. 21-22) aponta que “a pesquisa qualitativa é importante por responder diversas questões através da profundidade da investigação”. Richardson destaca que:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem [...] compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2012, p. 80)

Portanto, utilizamos livros e periódicos de autores da área para que pudéssemos analisar os dados coletados, uma vez que a pesquisa bibliográfica auxilia o autor na

interpretação de dados. Como define Gil (2002), essa linha é o subsídio necessário para o encontro de respostas através de discussões já levantadas por outros pesquisadores.

A amostra não é representativa. O questionário foi enviado a turmas dos cursos de Meio Ambiente Integrado e Subsequente e Tecnólogo em Agroecologia do IFRN *Campus* Ipanguaçu no semestre 2021.1. Os questionários foram analisados a fim de identificar quais as plantas medicinais mais citadas, quais os principais usos conhecidos entre os estudantes do IFRN.

Em uma etapa posterior a essa, nos debruçamos especificamente sobre os saberes difundidos entre mulheres. Então, a pesquisa desenvolveu cinco entrevistas realizadas com cinco mulheres de faixa etária diversa para que pudéssemos compreender o relacionamento e o vínculo entre os saberes feminino e as plantas medicinais. Composta por 10 perguntas abertas que exploram esta relação, a entrevista foi realizada via internet, devido à pandemia de COVID-19, e procurou investigar as relações das participantes com plantas medicinais, por exemplo, como começaram a cultivar/usar e de quem receberam esses conhecimentos.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo visa discutir e analisar os dados colhidos na pesquisa, explorando as respostas dos participantes a fim de representar o uso de plantas medicinais por grupo diversos de pessoas (subseção 5.1), afunilando-a até o grupo de mulheres (subseção 3.1.2), no qual relacionamos com algumas pesquisas que elencam elementos essenciais na discussão, e para isso, trabalharemos com a pesquisa realizada por Freitas (2013). Como já mencionado, o levantamento dos dados se faz através das técnicas de questionário e entrevista e leva em conta as teorias abordadas no referencial teórico.

### 5.1. ANÁLISE DE DADOS: GRUPO DIVERSO

De acordo com as respostas dos(as) participantes da pesquisa realizada junto aos(as) discentes do IFRN *Campus* Ipanguaçu, encontramos, de modo geral, que há o uso de plantas medicinais entre diversas faixas etárias. Além disso, o cultivo dessas ervas também se faz presente no contexto dessa população.

Os respondentes eram voluntários. Com isso, alcançamos 30 respostas, sendo 15 do curso de Meio Ambiente Subsequente e 12 do tecnólogo em Agroecologia. A faixa etária de maior concentração de respondentes (30%) é a que vai de 20 a 25 anos.

Com relação ao gênero dos respondentes, 60% são mulheres e, 40%, homens. Por questões de ética, a privacidade destes será preservada; em vista disso, estes serão referenciados de acordo com o sexo, sendo letra A para o sexo masculino e letra B para o feminino. Quanto à faixa etária, esta varia de 15 a 40 anos. Cerca de 56% dos discentes estão alocados na zona urbana, enquanto os outros residem na zona rural.

Concomitantemente Valeriano, Savani e Silva (2019) em sua pesquisa sobre o uso de interesse de plantas medicinais e o interesse de cultivo comunitário em Pitangui-MG constatou que 94% de seus entrevistados eram do sexo feminino. Da mesma forma, Santos et al (2018) pesquisando sobre o saber etnobotânico sobre plantas medicinais obtiveram respostas de 31 mulheres e de apenas quatro homens.

A participação feminina evidencia que o cultivo das plantas medicinais é realizado pelas mulheres, pois estas passam maior período de tempo em suas residências devido às atividades domésticas. Para tanto, as mulheres detêm maior conhecimento sobre usos e cultivo das plantas medicinais e são responsáveis por transmitir esses saberes.

A partir de agora, apresentamos os dados coletados através do questionário composto

por onze questões, sete delas fechadas e três perguntas abertas. A primeira questão foi a seguinte: **liste algumas plantas que você conhece como plantas medicinais?**

Diversas ervas foram citadas pelos participantes. Um deles não respondeu à questão, informando que não conhece nenhuma planta medicinal. As plantas medicinais mais citadas pelos entrevistados foram babosa, alecrim, louro, hortelã, romã, mastruz, boldo, corama, capim limão, canela, alho, erva cidreira, camomila, laranja e eucalipto. Para ilustrar a frequência em que estas foram mencionadas, organizámo-as em uma nuvem de palavras como mostra a Figura 1.

**Figura 1** - Nuvem de palavras



**Fonte:** Produzido pela autora, 2022.

Ferreira; Pasa & Nunez (2020) averiguaram que das 141 espécies de plantas medicinais registradas na Comunidade Barreirinho/MT as mais citadas foram o limão, boldo, camomila, melão-de-são-caetano, aroeira, mangava-brava, assa-peixe, eucalipto, babosa e romã. Em comparação, Valeriano, Savani e Silva (2019) constataram 10 plantas de maior frequência de uso as quais são o boldo, a erva-cidreira, a hortelã, a marcela, o alecrim, a tanchagem, o poejo, a erva-doce, o gengibre e a folha da goiaba.

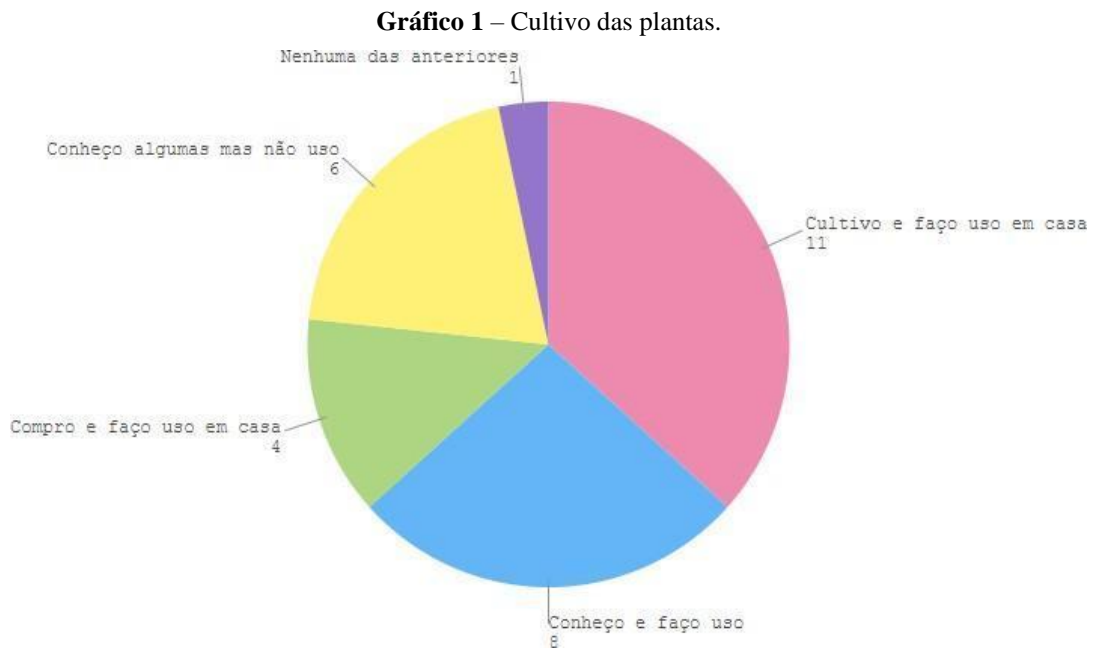
Podemos perceber que o conhecimento popular acerca das plantas é amplo, indo das mais conhecidas e pertencentes a região, até outras pouco mencionadas pelos participantes e/ou não pertencentes a localização. Com isso, podemos inferir que diante do papel da regionalização de costumes é possível perceber que uma planta seja mais conhecida/consumida em determinada região do que em outra, entretanto, isto não implica que ela seja desconhecida para a população das demais regiões.

A segunda pergunta tratou de entender **a relação com as plantas medicinais, se havia**

### **cultivo doméstico ou a obtenção no comércio.**

Seguida da terceira pergunta: **para aqueles que cultivam/família cultiva... Qual a principal forma de cultivo?**

O Gráfico 1 apresenta as respostas obtidas:



**Fonte:** Produzido pela Autora, 2021.

Em linhas gerais, cerca de 75% dos participantes fazem uso de plantas medicinais em distintas frequências e formas. Dentre os que cultivam, a maior parte das plantações estão em solo, hortas e pomares (9), solo e vasos (6) ou em vasos (5) em suas residências. Assim, podemos expressar a forte (dentre a porcentagem analisada através desta pesquisa) presença da cultura do cultivo. Ainda que a plantação não seja feita por parte dos participantes, eles mantêm contato com a prática através de familiares, mesmo aqueles que apontaram não consumir esse tipo de planta.

Da mesma forma, Valeriano; Savani e Silva (2019) constataram que 44% das pessoas respondentes cultivam as plantas medicinais em seus quintais, pois constituem importantes sistemas agroflorestais compostos de uma rica diversidade de espécies vegetais medicinais.

A quarta questão investiga os hábitos de compras **para aqueles que compram/família comprar plantas medicinais... quais as formas de aquisição das plantas?**

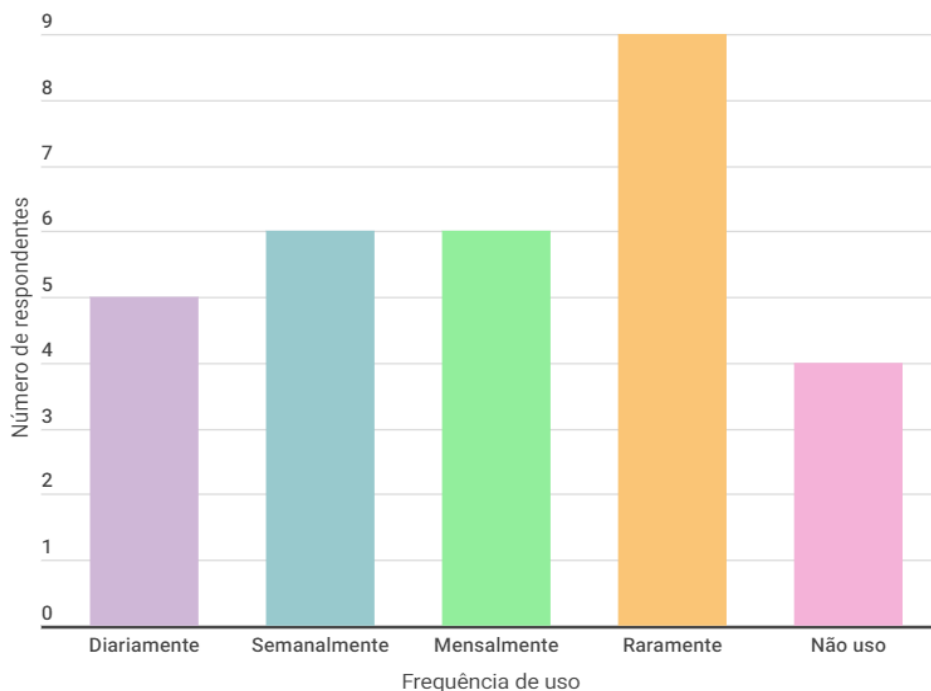
Sem considerar a parcela que não compra (6 participantes), excluindo também o plantio, a segunda principal forma de aquisição são plantas secas (inclui sachês de chás) e plantas frescas (verdes). O uso de chás prontos é número expressivo dentre os respondentes.

Esta afirmativa tem reforço nas palavras de Ferreira, Pasa e Nunez (2020) auferiram que o uso de plantas medicinais na forma de chá ou infusão teve 51,94% das indicações.

Quinta questão: **para aqueles que fazem uso de plantas medicinais: Com que frequência faz uso?**

O gráfico a seguir expressa a frequência com que os participantes fazem uso de plantas medicinais. Como é possível perceber, a quantidade que faz uso (ainda que mensal) é maior que a que usa raramente ou não faz uso.

**Gráfico 2 - Uso das plantas medicinais.**



**Fonte:** Produzido pela Autora, 2021.

Dessa forma, buscando traçar um perfil relacionado às idades dos participantes na pesquisa, o resultado chega a uma conclusão mista. Os mais jovens (faixa etária entre 15 e 20 anos) representam maior número de participantes e seu perfil de consumo está dividido em mensal (2), semanal (3), diário (1), e raramente (4), sendo possível observar que a maioria consome mesmo que ocasionalmente.

Seguido da faixa etária de 20 a 25 anos, o perfil expressa um menor uso, pois dentre os nove participantes, dois deles não consomem nenhum tipo de erva e três utilizam raramente. Isso pode demonstrar um afastamento dessas práticas a partir da maioridade ou idade em que os adultos saem das casas de seus pais, conseqüentemente, não tendo contato diário com essas raízes, uma vez que os participantes entre 25 e 30 anos também apresentam padrão de consumo semelhante. Dentre estes, um deles não utiliza, outro faz uso raramente, três indicam uso mensal



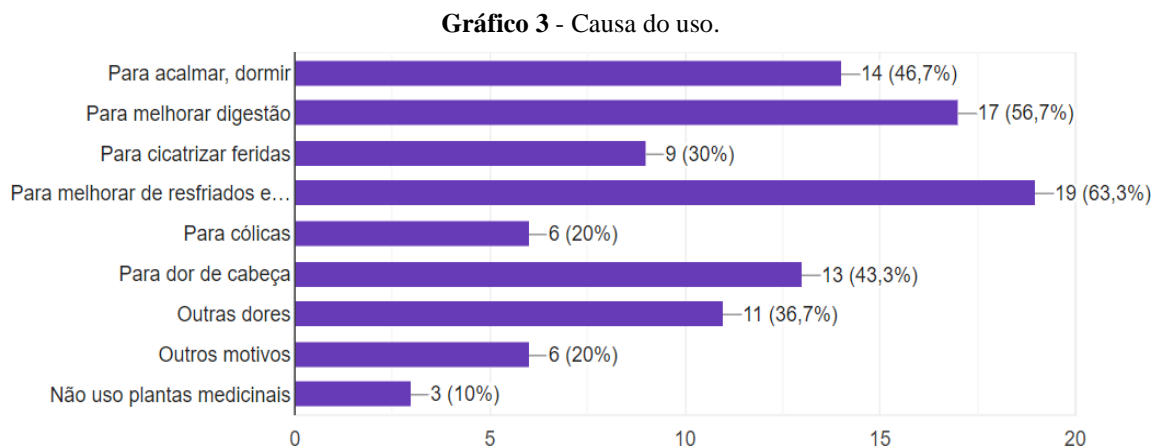
e um semanal.

Dessa forma, à medida em que a maturidade avança, voltam-se aos costumes de consumo e a reconexão com essa cultura de consumo. Para ilustrar, os participantes de 30 a 40 anos consomem diariamente (03 participantes), semanalmente (01 participante) e raramente (apenas 01 participante). Assim, é possível observar e tecer comentários acerca desse padrão entre as idades (dentro do grupo analisado).

Paralelamente em relação a frequência de uso das plantas medicinais Valeriano, Savani e Silva (2019) observaram em sua pesquisa que 68% dos entrevistado fazem uso somente quando sentem algum desconforto, 6% fazem uso diário, 10% usam semanalmente, 14% disseram usar plantas mensalmente e 2% relataram usar duas vezes por mês.

Não obstante, Santos *et al.* (2018) constatou que a forma de uso das plantas medicinais na comunidade da Brenha/CE são na forma de chá (63%), lambedor (29,6%), suco (7,4%), banho (11,1%), uso tópico (3,7%) e gargarejo (3,7%).

E para entendermos melhor os motivos pelos quais os participantes usam essas plantas, a sexta questão indaga: **para aqueles que fazem uso de plantas medicinais...Quais os principais motivos? (É possível marcar várias alternativas)**



**Fonte:** Produzido pela Autora, 2021.

A partir dos dados observados no gráfico em relação ao motivo de uso das plantas medicinais para acalmar e/ou dormir (46,7%), para melhorar a digestão (56,7%), para cicatrizar feridas (30%), para melhorar de resfriados e gripes (63,3%), para cólicas (20%), para dor de cabeça (43,3%), outras dores (36,7%), outros motivos (20%) e não usa plantas medicinais (10%).

Concomitantemente, Ferreira, Pasa e Nunez (2020) averiguaram que dentre as indicações terapêuticas de uso das plantas medicinais são as doenças do trato respiratório (gripe,

tosse, bronquite e pneumonia), as doenças gastrointestinais (gastrite, úlcera, dores e distúrbios estomacais, constipação e diarreia), como anti-inflamatórios e cicatrizantes.

Como é perceptível, o valor medicinal atrelado às plantas é o principal fator que motiva o consumo entre os participantes. Dessa forma, podemos compreender esse hábito como uma alternativa aos químicos, o que vai além de simplesmente a preservação da tradição. Além disso, investigamos os efeitos após consumo dessas ervas, para vinte e sete deles, o consumo de ervas medicinais proporciona alívio, enquanto para apenas três, não ocorre efeito após o uso.

Quando investigamos a ótica percebida pelos participantes diante da influência da família no que diz respeito ao uso das plantas, estes, em sua grande maioria, exceto um participante que conheceu através de terceiros, e um que diz não conhecer plantas medicinais, apontam a família como a principal fonte de conhecimento. Isso mostra que as vivências familiares são essenciais para o desenvolvimento de determinados comportamentos, ou seja, mesmo sem a consciência, a influência das gerações passadas está presente no cotidiano atual.

## 5.2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM MULHERES

Com base na pesquisa realizada por Freitas (2013), no qual destaca “o Espaço Doméstico dos Quintais e a Conservação de Plantas Medicinais na Comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN”, podemos fazer um comparativo sobre o papel feminino a respeito do uso medicinal das plantas.

Neste sentido, Freitas (2013), realiza um levantamento de “22 informantes”, onde dois destes se destacam “por demonstrar maior conhecimento a respeito do uso de plantas medicinais”. (FREITAS, 2013, p. 238). Trata-se de duas senhoras, na qual são responsáveis pelo tratamento por meio de plantas em suas comunidades.

Segundo Freitas (2013), destaca-se que diversos estudos sobre Etnobotânica, realizados a partir do uso e aplicação de plantas medicinais, apresentam uma significativa participação de “informantes do sexo feminino”. Citando as colocações de Rodrigues e Casali (2002), a autora destaca que “as mulheres são grandes detentoras do conhecimento sobre plantas medicinais, possuindo importante função no processo de transmissão.” (FREITAS, 2013, p. 238) deste conhecimento tão necessário na cultura de diversas comunidades.

Desta forma, centrado em nossa análise acerca do feminino e da relação com as plantas medicinais, a pesquisa elaborou algumas entrevistas, que foi desenvolvida com o intuito de entender as tradições relacionadas ao gênero. Dessa forma, escolhemos mulheres que estão ligadas à prática de cultivo para que pudéssemos compreender o percurso das tradições em suas

vidas, desde o início, e quais suas motivações.

Neste sentido, baseando-se na pesquisa de Freitas (2013), entramos em contato via mídias sociais, e por meio disso, realizamos o convite para participarem da presente pesquisa.

Desta forma, tivemos assim, a participação de cinco mulheres de faixa etária e de escolaridade diferentes (entre o Ensino Fundamental, Médio e Superior), bem como de diferentes áreas de atuação profissional (secretaria escolar, licenciada, pescadoras etc.), no qual as semelhanças entre elas, se destacava por residirem em zona rural.

Entretanto, mesmo com a diferença de perfil (escolaridade, faixa etária e profissão) as entrevistadas apresentam semelhanças em suas histórias relacionadas ao uso das plantas medicinais. Um ponto importante a ser citado é que as respostas vieram de formas variadas, através de áudios e também respostas escritas que foram mandadas pelas mesmas.

Comparando com o trabalho de Freitas (2013), isso “sugere que o acúmulo de conhecimento sobre plantas medicinais está diretamente associado às experiências vivenciadas ao longo do tempo, à convivência mais longa com o ambiente que as cerca e à maior frequência de práticas de uso das plantas para tratamento de doenças. [...]” (FREITAS, 2013, p. 238). Com base nisso, fica evidente o uso de plantas medicinais associadas às vivências destes sujeitos.

Entre um diálogo com Costa (2002), a autora vai destacar que “a concentração dos conhecimentos acerca das plantas medicinais com as pessoas mais idosas se deve à experiência de vida [...]” (*apud* FREITAS, 2013, p. 238). As plantas medicinais, se mostram práticas sistematizadas e compartilhadas entres estas mulheres, revelando uma sistematização de um conhecimento comum.

Dessa forma, algo que ficou evidente pelas respostas das entrevistadas é que a crença espiritual está presente também nas práticas e aplicações do uso das plantas, destacando sobre a eficácia na qual elas apresentam. O que é muito evidente principalmente pelas falas delas como por exemplo “Eu comecei a acreditar no poder das plantas e Graças a Deus eu tomo e traz resultado”. Aliada a essa crença, uma das entrevistadas também conta que “hoje em dia já é comprovado como terapêutico mesmo, portanto hoje já existem cursos de medicinas terapêuticas e ervas medicinais que nos incentivam a cultivar essas plantas medicinais”.

Ao serem questionadas sobre o cultivo, todas responderam positivo para o plantio. Outrossim, podemos inferir que a cultura é intrínseca no cotidiano delas, fato este corroborado nas respostas às perguntas seguintes em que as entrevistadas listam as ervas que consomem e a maneira às quais são preparadas e, segundo elas, chás e lambedores são as mais utilizadas.

Sobre isso, Freitas (2013) aponta segundo Siviero et al (2012), como os “mais idosos tendem a conservar as práticas da medicina popular tradicional, cujo conhecimento relativo ao

uso de plantas é geralmente expresso no cultivo das espécies na residência.” (FREITAS, 2013, p. 238-239). Dessa forma, podemos compreender a relação entre o modo de uso e as atribuições tradicionais, principalmente ligados ao gênero feminino, ou seja, a responsável pelos cuidados aos enfermos.

Ademais, em consonância com os pontos destacados acima, duas das entrevistadas se interessaram pelo cultivo/uso por incentivo de outras mulheres (avó, mãe e sogra). Uma delas menciona que continuou a fazer depois de a sogra falecer, dando continuidade à tradição. Além disso, as três responderam que preferem remédios naturais para tratamento de doenças, por isso fazem o cultivo e o uso destes, uma vez que o acesso se torna mais fácil. Assim, lambedores, chás e garrafadas, segundo elas, são a base para tratar determinadas enfermidades, especialmente tosse.

Uma delas conta que não retirou uma planta de seu quintal a pedido de sua avó, que acreditava ser fonte de combate a doenças respiratórias, como bronquite. Ainda conta que mesmo sem produzir os produtos por falta de tempo, compra-os de outras mulheres de sua comunidade, assim, além de manter as tradições, o costume ainda impulsiona um mercado e permite à outras mulheres a oportunidade de possuir uma fonte de renda a partir das raízes consolidadas através de suas avós e mães, ou, de maneira geral, figuras femininas.

Todas essas informações são apresentadas e sempre remetem ao parentesco, as entrevistadas constantemente em suas respostas afirmam que fazem as receitas ou que cultivam as plantas por intermédio de suas mães e avós que também já o faziam, aqui podemos entender que essa tradição é hereditária, cultural e vem passado de geração á geração. Dessa forma, a partir das vivências das entrevistadas, podemos compreender que o uso de ervas medicinais vai muito além de seu benefício ou a falta dele, mas sim a manutenção de uma tradição que está relacionada ao afeto ou relação familiar que estão correlacionados a elas. Assim, a prática é internalizada e posta em um local, também, sentimental, uma vez que, para elas, às remete a um familiar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, a partir de uma análise comparativa do trabalho de Freitas (2013) que nos auxilia no processo de entender a relação sociedade-natureza, através do uso e aplicação medicinal de plantas, em especial pelo sexo feminino. Além disso, esta pesquisa destaca ainda como base os estudos de Almeida (2009), Maria (2021), Santos (2022), Barrera-Bassols e Toledo (2015), e entre outros, e, que entende as plantas medicinais como sendo parte base da sociedade, mesmo sem que seja percebido seu papel. Dessa forma, a relação que mulheres desenvolveram com a prática de cultivo e consumo se mostra capaz de atravessar gerações e continuar sendo compartilhada entre filhas e mães, avós e irmãs, até mesmo membros da família extensiva, como sogras e cunhadas.

Com base nos dados colhidos e interpretados, a pesquisa se mostra importante não somente para nosso desenvolvimento como discentes, mas também para a comunidade ao entorno do IFRN, pois a temática aborda questões que envolvem o desenvolvimento desta. Além disso, promove a manutenção de uma cultura que precisa ser exaltada e preservada por conta de seu significado e significância para a geração atual e futuras.

Portanto, com base nas respostas obtidas, podemos concluir que as ervas medicinais são parte importante de nossa cultura, mas vai muito além disso, ela reforça, também, laços familiares e demonstra a importância da preservação e valorização desses hábitos populares. Isso mostra que não há conhecimento correto, uma vez que é de suma importância compreender os indivíduos e suas práticas como ponto inicial para o que chamamos hoje de avanços. A pesquisa se mostrou válida a partir dos resultados alcançados, destacando que os objetivos traçados foram conquistados, pois obteve a aplicação na prática e a análise dos dados em conversação com os autores abordados, de forma teórica.

Por conseguinte, este estudo representa apenas uma pequena parcela, dessa forma, requer um maior aprofundamento e investigação de futuras pesquisas relacionadas ao campo. Consequentemente, visou contribuir para posteriores indagações de pesquisadores da área, assim como tomou como base os estudos desenvolvidos anteriormente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, MZ. **Plantas Medicinais [online]**. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, 221 p. ISBN 978- 85-232-1216-2. Available from SciELO Books. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas do Brasil**. Acta Botânica Brasílica, v. 23, n. 2, p. 590- 605, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. V. 1, 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Anvisa. **Resolução RDC n. 10, de 10 de março de 2010**. Diário Oficial da União. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/186/170/>>. Acesso em 17 dez. 2021.
- FERREIRA, A. L. DE S.; PASA, M. C.; NUNEZ, C. V.. A etnobotânica e o uso de plantas medicinais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Interações** (Campo Grande), v. 21, n. 4, p. 817-830, jul. 2020.
- FREITAS, Ana Valéria Lacerda. **O Espaço doméstico dos quintais e a conservação de plantas medicinais na comunidade de São João da Várzea, Mossoró-RN**. 2014. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró-RN, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufersa.edu.br/bitstream/tede/188/1/AnaVLF\\_TESE.pdf](https://repositorio.ufersa.edu.br/bitstream/tede/188/1/AnaVLF_TESE.pdf). Acesso em: 09 abr. 2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental**. In: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002 (p. 36 - 51). Disponível em: <[https://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/agroecologia\\_e\\_saber\\_ambiental.pdf](https://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf)>./> Acesso em: 09 abr. 2022.
- MACHADO, L.C.P.; MACHADO FILHO, L.C.P. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de curso**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARIA, F. S.; CAMPOS, A. G. de; LUCENA, I. C. de; SILVA, J. L. da; CARBO, L. Quintais Agroecológicos: um Canteiro Fértil para a Germinação e Crescimento do Aprendizado. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 382–387, 2018. DOI: 10.17921/2447-8733.2017v18n4p382-387. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/4572>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- MARQUES, et al. As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. **Revista Retratos de Assentamentos**, v.18, n.1, 2015.
- MELO, et al. **Memória Social E Conhecimento Tradicional Em Uma Comunidade Indígena: O Uso De Plantas Medicinais**. In: Simpósio Internacional de Educação Popular, Agroecologia e Memória e Seminário de Educação do Campo (1 : 2021 : Ipanguaçu, RN), p.

313-325. Disponível em:  
 </https://www.google.com/url?q=https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2141?locale-attribute%3Den&sa=D&source=docs&ust=1649518457523006&usg=AOvVaw2YWHvTUyt dSoOG8 7\_RzfS1/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

MERA, J. C. E.; ROSAS, L. V.; LIMA, R. A.; PANTOJA, T. M. A. **Conhecimento, percepção e ensino sobre plantas medicinais em duas escolas públicas do Município de Benjamin Constant-AM**. *Experiência em Ensino de Ciências*. V. 13, n. 2, p. 62-79, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas do Brasil**. *Acta Botânica Brasílica*, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

PAIVA, D. C. C. **Atividade anti-inflamatória e antinociceptiva do extrato hidroalcoólico da entrecasca de *Pseudobombax marginatum* (St. Hill) Rob. Proveniente da Caatinga potiguar**. Dissertação (Mestrado em Ciências Naturais). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Ciências Naturais. Mossoró-RN, p. 16-65, 2013.

POSEY, Darrel Addison. 1987. **Introdução - Etnobiologia: teoria e prática**, Etnoentomologia de Tribos Indígenas da Amazônia, Manejo da floresta secundária; capoeiras, campos e cerrados (Kayapo). In: Ribeiro, B (org). *Suma Etnológica Brasileira*, vol 1 (etnobiologia). FINEP/Vozes, Petrópolis-RJ. pp. 15-25.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. 14 reimp. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. DE M. V. **Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional**. *Interações (Campo Grande)*, v. 16, n. 1, p. 67–74, jan. 2015. Disponível em: </https://www.scielo.br/j/inter/a/bjTCfdnwmLmH5YFCV58LSyy/?lang=pt&format=pdf#:~:et=A%20etnobot%20C3%A2nica%20pode%20ser%20definida,plantas%20s%20C3%A3o%20usadas%20como%20recursos/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ROQUE, A. A., ROCHA, R. M., & LOIOLA, M. I. B. (2010). **Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil)**. *Revista Brasileira De Plantas Mediciniais*, 12(1), 31–42.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fórum Social Mundial: manual de uso**. Madison, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/fsm.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2022.

SANTOS, L. .; SALLES, M. G.; PINTO, C. .; PINTO, O.; RODRIGUES, I. . O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na Comunidade da Brenha, Redenção, CE. **Agrarian Academy**, [S. l.], v. 5, n. 09, 2018. Disponível em: <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/agrarian/article/view/5061>. Acesso em: 26 ago. 2023.

THUMS, Jorge. **Educação dos sentimentos**. Porto Alegre: Sulina: Ulbra, 1999.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória Biocultural**. 2015. Disponível em: </https://www.researchgate.net/publication/338095301\_A\_MEMORIA\_BIOCULTURAL?/>.

VALERIANO, F. R.; SAVANI, F. R.; SILVA, M. R. V. DA.. O uso de plantas medicinais e o interesse pelo cultivo comunitário por moradores do bairro São Francisco, município de Pitangui, MG. *Interações (Campo Grande)*, v. 20, n. 3, p. 891-905, jul. 2019.



**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA ETNOBOTÂNICA COM  
PLANTAS MEDICINAIS GRUPO DIVERSO**

**QUESTIONÁRIO**

Concordo em participar da pesquisa:

- Sim       Não

Faixa etária:

- 15 a 20 anos  
 20 a 25 anos  
 25 a 30 anos  
 30 a 40 anos  
 40 a 50 anos  
 50 a 60 anos  
 60 a 70 anos

Gênero:

- Feminino  
 Masculino  
 Não binário  
 Prefiro não dizer

Ocupação:

- Estudante  
 Outro: \_\_\_\_\_

Zona habitacional

- Urbana  
 Rural

Sobre plantas medicinais você:

- Cultiva  
 Compra  
 Não faz uso

Com que frequência faz uso?

- Mensal  
 Semanal  
 Diário

- Raramente
- Não faço uso

Ao fazer uso dessas plantas você sente melhora ou alívio?

- Sim
- Não
- Não faço uso

Você já fez uso do capim limão também conhecido como capim santo?

- Sim
- Não

Você conhece os benefícios do capim limão?

---

---

Os conhecimentos passados de geração para geração influenciam no uso das plantas?

- Sim
- Não
- Não faço uso

Liste algumas plantas que você conhece como plantas medicinais?

---

---

Para aqueles que cultivam/família cultiva... Qual a principal forma de cultivo?

---

---

Para aqueles que fazem uso de plantas medicinais...Quais os principais motivos? (É possível marcar várias alternativas)

- Para acalmar, dormir
- Para melhorar a digestão
- Para cicatrizar feridas
- Para melhorar de resfriados e...
- Para cólicas
- Para dor de cabeça
- Outras dores
- Outros motivos
- Não uso plantas medicinais

**APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA ETNOBOTÂNICA COM  
PLANTAS MEDICINAIS TENDO EM FOCO AS MULHERES**

**QUESTIONÁRIO**

1. Como surgiu a ideia de utilizar plantas medicinais para fazer produtos?

---

---

---

---

2. Você acredita que a cultura de cultivar ou usar plantas medicinais é algo ligado ao afeto?

---

---

3. Você tem alguma técnica ou receita?

---

---

---

4. Por que tem costume de cultivar plantas medicinais?

---

---

---

5. Desde quando você faz uso de plantas medicinais?

---

---

---